

AS RELAÇÕES DE PODER NO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO: UMA IDENTIDADE FORJADA NO CALOR DE SUA HISTÓRIA¹

Izabel Cristina Veiga Mello²

RESUMO

A partir de uma releitura histórica e sociológica pretende-se verificar como se estabelecem as relações de poder no pentecostalismo brasileiro. Privilegiando os elementos constitutivos e fatores internos e externos que propiciaram sua organização na forma hierarquizada que ela assume, enfatizando algumas análises sociológicas das especificidades da estrutura religiosa pentecostal. Visando o conhecimento e a compreensão de sua identidade eclesial-institucional que inexoravelmente imbrica-se com seu momento histórico. A concepção foucaultiana de poder visa lançar luz sobre a temática.

Palavras chave: relações de poder, governo, estrutura religiosa pentecostal, pentecostalismo.

¹ MELLO, Izabel Cristina Veiga. **Uma leitura de gênero a partir das relações de poder no pentecostalismo brasileiro**. 2010. Dissertação (Mestrado) – IEPG, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo (RS), p. 46-62; 64-70. Adaptação do original a este artigo científico.

² Izabel Cristina Veiga Mello é graduada em Teologia e Mestre em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST). É membro da Igreja Evangélica Assembléia de Deus em Joinville (SC). Atua como coordenadora pedagógica da Faculdade Refidim e também como professora nas disciplinas de Antigo Testamento e Hebraico.

INTRODUÇÃO

O tema deste artigo é o estabelecimento das relações de poder no pentecostalismo brasileiro. Procura-se averiguar como são estabelecidas estas relações na estrutura interna das Assembléias de Deus³, destacando as especificidades do pentecostalismo brasileiro. Para tal tarefa, é necessário explicitar alguns dados históricos e sociológicos do período vivido pelo pentecostalismo no Brasil, principalmente no período que abrange sua implantação e expansão geográfica. Indubitavelmente, tudo isso contribui para a formação da identidade das igrejas pentecostais.⁴ No entanto, Pimentel observa:

[...] Não existe identidade estática, pois toda identidade está em constante mutação exatamente por ser algo não subjetivo, que se estabelece nas relações que vão se alterando com o tempo. Por isso, é mais apropriado falar sobre identificação que sobre identidade. Quando uma pessoa ou grupo se volta apenas para o seu próprio universo, na tentativa de definir sua identidade, perde o seu tempo ou se perde: ao erguer os olhos, percebe que tudo a sua volta mudou e sua identidade não se encaixa mais naquele contexto. Só podemos nos identificar nas relações que estabelecemos, isto é, por meio do diálogo.⁵

Assim, partindo da riqueza histórica do pentecostalismo, incluindo a espiritualidade, a conversão, os exercícios dos dons espirituais, devem servir de alicerce para a construção de um diálogo acerca do estabelecimento das relações de poder em sua estrutura. Embora o

³ Compreende-se ser ela a maior expressão numérica do pentecostalismo.

⁴ SÁNCHEZ, Ana Lígia; PONCE, Osmundo. A mulher na igreja pentecostal: abordagem inicial à prática religiosa In: GUTIÉRREZ, Benjamim F., CAMPOS, Leonildo Silveira, (Ed.). **Na força do espírito: os pentecostais na América-Latina: um desafio às igrejas históricas**. São Paulo: AIPRAL, 1996. p. 197-203.

⁵ PIMENTEL, Orivaldo Jr. Quem são os “evangélicos”? In: BOMILCAR, Nelson (Org). **O melhor da espiritualidade brasileira**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p. 85.

pentecostalismo tenha se desenvolvido qualitativa e quantitativamente, numa relação de troca com a história e cultura brasileira⁶, os valores exarados por ele devem conduzir a uma adoração que resulte, além do âmbito contemplativo e pessoal, também na esfera prática e comunitária que tenham repercussões na sociedade de qualquer cultura. Como afirma Campos: “A práxis pentecostal é, portanto, uma atividade social e religiosa, ativa e lógica”.⁷

1 COMO SE ESTABELECEM AS RELAÇÕES DE PODER NO PENTECOSTALISMO BRASILEIRO

Embora o pentecostalismo no Brasil seja considerado como fruto dos movimentos de santidade do século XIX proveniente dos Estados Unidos, alguns estudiosos afirmam não ser plausível identificá-lo simplesmente como um movimento pentecostal norte-americano. Algumas razões que justificam esta assertiva são: o comportamento da experiência pentecostal entre os brasileiros desde o seu começo, sua organização ao longo do tempo, bem como, as variantes do pentecostalismo brasileiro.⁸ Ou seja, a capacidade do pentecostalismo se reorganizar sempre que não atende mais às demandas sociais.

É importante ressaltar que o pentecostalismo, quando chegou ao Brasil, ainda estava em sua infância, fator preponderante para a sua autoctonia.⁹

⁶ PASSOS, João Décio. **Pentecostais: origem e começo**. São Paulo: Paulinas, 2005. (coleção temas do ensino religioso) p. 59-60.

⁷ CAMPOS, Bernardo. **Da reforma protestante à pentecostalidade da igreja: debates sobre o pentecostalismo na América latina**. São Leopoldo: Sinodal: Quito: CLAI, 2002. p. 88.

⁸ ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa**. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 61-63.

⁹ FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 72-75.

É preciso conhecer as marcas desta trajetória a fim de entender o desenvolvimento da Igreja Evangélica Assembléia de Deus no Brasil, uma vez que, a origem e o percurso percorrido pela Assembléia de Deus vão gestar sua identidade eclesial-institucional, como observa Freston, com um “*ethos* sueco-nordestino”. Uma prática marcada pela centralização em alguns personagens que exercem o poder de controle de maneira um tanto autoritária e em oposição à cultura letrada.¹⁰

1.1 Breve perfil do pentecostalismo

A Assembléia de Deus foi fundada no Brasil pelos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, ambos batistas, em 18 de junho de 1911 na cidade de Belém, capital do Estado do Pará.¹¹ A aproximação entre os dois missionários aconteceu durante uma convenção de igrejas batistas reavivadas, em Chicago, ocasião em que sentiram o chamado para terras distantes.

Unidos pelo ideal missionário, receberam uma mensagem profética enquanto oravam em companhia de um pentecostal sueco chamado Adolfo Uldin, para irem ao Pará. Após consultarem um mapa souberam, então, que se tratava de um Estado do Brasil.¹² Sem apoio financeiro, tomaram o navio em Nova York em 5 de novembro de 1910 e aqui chegaram em 19 de novembro. Uniram-se a uma igreja batista de origem sueca, onde, após haverem aprendido o português, passaram a pregar sobre o pentecostes.

Urge mencionar que os missionários Berg e Vingren eram provenientes da Suécia em uma época que este país se encontrava estagnado e obrigava-se a exportar grande parte de sua população. Conforme Freston, “Mais de

¹⁰ PASSOS, 2005, p. 90-91.

¹¹ HURLBUT, Jesse Lyman. **História da igreja cristã**. Deerfield: Vida, 1990. p. 231-35.

¹² ANTONIAZZI, 1994. p. 80-81. Veja ainda VINGREN, Ivar. **Gunnar Vingren: o diário do pioneiro**. 2. ed. Rio de Janeiro : CPAD, 1982. p. 24-26.

um milhão de suecos emigraram para os Estados Unidos entre 1870 e 1920”.¹³ Portanto, estes pentecostais suecos, ao invés de portarem uma postura de ousadia de conquistadores, tinham na verdade uma postura de sofrimento, martírio e marginalização cultural. Freston faz também uma importante observação quanto a formação da identidade da Assembléia de Deus no Brasil, resultante destes fatores:

[...] a AD foi produto do esforço missionário de um grupo pequeno e marginalizado de um país ainda relativamente pobre. Os missionários não tiveram condições de inundar a igreja com dinheiro, criando instituições poderosas que permanecessem nas suas próprias mãos ou que se tornassem palco de brigas internas. Forçosamente, suas vidas pessoais foram marcadas pela simplicidade, um exemplo que ajudou a primeira geração de líderes brasileiros a ligar pouco para a ascensão econômica. Assim o *ethos* da AD evitou um aburguesamento precoce que antecipasse as condições oferecidas pela própria sociedade brasileira aos membros da igreja.¹⁴

Em 8 de junho de 1911, Celina Albuquerque, membro da igreja, recebe o pentecostes, em seguida com mais dezenove irmãos, são expulsos da igreja batista, vindo a fundar em 18 de junho de 1911 a Missão de Fé Apostólica que em 1918 passa a se chamar Assembléia de Deus.

Em termos de expansão geográfica, o crescimento notável alcançado pela Assembléia de Deus deveu-se, principalmente, ao refluxo de migrantes nordestinos que se desiludiram com a crise do ciclo da borracha e o fluxo de migrantes nortistas e nordestinos para o sudeste do país. Em 1920 a Assembléia de Deus estava estabelecida em nove estados, sendo três no norte e seis no nordeste. Já em 1931 estava presente praticamente em todo o país, em quatro estados do norte, nove do nordeste, quatro do sudeste e três do sul.

É notório que durante algum tempo as Assembléias de Deus foram solitárias na aceitação da doutrina pentecostal e constituíam uma minoria

¹³ ANTONIAZZI, 1994, p. 76.

¹⁴ ANTONIAZZI, 1994, p. 79.

cruelmente perseguida, no entanto, o deslocamento dos subúrbios e fazendas para o centro das grandes cidades mudou este quadro.¹⁵ A Assembléia de Deus tornou-se urbana expandindo-se do norte/nordeste para o sudeste, principalmente para o Rio de Janeiro. Os migrantes traziam consigo coragem, a fé pentecostal e sua Bíblia. O pentecostalismo, por sua vez, conferia a estes migrantes recém-urbanizados novos valores para começar uma nova vida e sentido para ela, e isto, propiciava meios para uma efetiva inserção na sociedade urbana.¹⁶

Nos anos 70 já existe uma geração urbana de pentecostais, alfabetizados, vivendo melhor e, conseqüentemente, exigindo algumas mudanças no pentecostalismo.¹⁷

1.2 A primeira Convenção Geral

A primeira Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil, reunião de âmbito nacional¹⁸ foi realizada em Natal de 5 a 10 de

¹⁵ HURLBUT, 1990, p. 231-35.

¹⁶ SIEPIERSKI, Paulo Donizéti. Mutações no protestantismo brasileiro: o surgimento do pós-pentecostalismo. In: DREHER, Martin N (org.). **500 anos de Brasil e igreja na América Meridional**. Porto Alegre: EST, 2002. p. 400-415.

¹⁷ DREHER, 2002, p. 414-415.

¹⁸ O primeiro encontro reunindo os obreiros da Assembléia de Deus no Brasil ocorreu em 1921, na Vila São Luiz, localizada no município de Igarapé-Açu, no Pará. Essa reunião histórica é mencionada pelo missionário Samuel Nyström durante a Semana Bíblica de 1941, realizada em Porto Alegre. O encontro aconteceu na casa do líder da Assembléia de Deus em Vila São Luiz, o pastor João Pereira de Queiroz, que estava ali quase desde o princípio daquela igreja, nascida em 1915. Estavam reunidos nesse primeiro encontro histórico o missionário Samuel Nyström, que dirigiu a reunião, e os pastores Isidoro Filho, primeiro a ser consagrado pastor pelos missionários; Luiz Higino de Souza Filho, Almeida Sobrinho, João Pereira Queiroz, José Felinto, Manoel Zuca, Manoel César e Pedro Trajano. O principal assunto tratado parece ter sido a evangelização, o esclarecimento de pequenas dúvidas teológicas e o andamento dos trabalhos. Porém, a história da Convenção geral, começa mesmo em 1929. DANIEL, 2004, p. 19-22.

setembro de 1930 em caráter de urgência e constituiu-se fato importantíssimo e determinante para a história do pentecostalismo brasileiro.¹⁹ O conhecimento dessas Convenções Gerais possibilita acompanhar a modelagem que a Assembléia de Deus no Brasil foi adquirindo desde 1930 até a atualidade. Conforme afirma Costa Júnior: “Entender a identidade assembleiana passa inexoravelmente por conhecer a história e a importância da CGADB [...]”.²⁰ Acrescenta ainda:

[...] mesmo que o leitor não simpatize com algumas decisões que convenções gerais do passado tomaram, é preciso considerar o contexto histórico dessas resoluções, além de reconhecer a importância de todos esses encontros, inclusive porque alguns deles acabaram, em certos casos, influenciando na formação da igreja evangélica no país, como muitos líderes de outras denominações reconhecem hoje.²¹

É interessante observar que os primeiros passos para a realização dessa reunião foram dados em 1929, e a iniciativa partiu dos pastores brasileiros das regiões Norte e Nordeste, sendo eles os idealizadores da Primeira Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil. Isto porque, até 1930, eram os missionários suecos que lideravam ou supervisionavam todas as Assembléias de Deus no país. Nenhum trabalho aberto pelos missionários havia recebido autonomia, mesmo sendo boa parte das igrejas do Norte e Nordeste dirigidas por pastores nacionais.

Os missionários suecos já haviam tomado conhecimento da proposta dos obreiros nacionais. Inclusive durante a Conferência Pentecostal de

¹⁹ DANIEL, Silas. **História da convenção geral das Assembléias de Deus no Brasil:** os principais líderes, debates e resoluções do órgão que moldou a face do movimento pentecostal brasileiro. Rio de Janeiro: CPAD, 2004, p. 23.

²⁰ COSTA JÚNIOR, José Wellington. A importância de se conhecer a História da CGADB In: DANIEL, 2004, p. 11.

²¹ DANIEL, 2004, p. 11-12.

1929, em Recife, ocorrida oito meses depois do encontro preliminar dos obreiros nacionais e haviam conversado entre si em busca de uma solução harmoniosa.²²

Assim, com o propósito de manter a identidade e a unidade doutrinária da Assembléia de Deus, e resolver questões de ordem interna e externa, a primeira Convenção Geral reuniu a maioria dos pastores nacionais e todos os missionários suecos para juntos “resolverem certas questões que se prendem ao progresso e harmonia da causa do Senhor”.²³

Secretariando as sessões da primeira Convenção Geral, alternaram-se, os pastores Manoel Leão e Manoel Hygino de Souza. O conteúdo das atas produzidas na primeira Convenção Geral é desconhecido, visto que estas se perderam, no entanto, o teor das reuniões é conhecido, devido aos registros dos pastores Francisco Gonzaga e Lewi Pethrus, líder da Igreja Filadélfia de Estocolmo, Suécia, que enviou os missionários suecos ao Brasil, após a chegada de Gunnar Vingren e Daniel Berg, em 1910. A pauta da primeira Convenção abordava quatro temas:

1. O relatório do trabalho realizado pelos missionários;
2. A nova direção do trabalho pentecostal do Norte e Nordeste;
3. A circulação dos jornais *Boa Semente* e *O Som Alegre*;
4. O trabalho feminino na igreja.²⁴

Até 1930, o líder natural dos missionários era o pastor Gunnar Vingren, que, desde 1924, liderava a Assembléia de Deus no Rio de Janeiro, então capital do Brasil. Na ausência de Vingren, Samuel Nyström, também

²² DANIEL, 2004, p. 28.

²³ ARAÚJO, 2007, p. 209.

²⁴ ARAÚJO, 2007, p. 209. Ainda ALMEIDA, 1982, p.30.

missionário sueco que veio ao Brasil em 18 de agosto de 1916, era quem exercia a liderança nacional. Samuel Nyström pastoreava a Assembléia de Deus em Belém do Pará.²⁵

Durante os trinta anos em que trabalhou no Brasil, Nyström ajudou a lançar e consolidar os fundamentos doutrinários das Assembléias de Deus no Brasil e exercia grande liderança espiritual e eclesiástica entre os missionários e os pastores nacionais.²⁶

Então, na Convenção Geral das Assembléias de Deus em 1930 os trabalhos no Norte e Nordeste que pertenciam à missão sueca foram entregues às igrejas brasileiras. A presença do pastor Lewi Pethrus parece ter sido fundamental para tal decisão. Segundo Daniel, os relatos de Pethrus publicados na revista pentecostal sueca *Evangelii Haröld*²⁷ afirma que os missionários suecos viram na proposta dos obreiros nacionais a vontade de Deus, pois sentiam-se tocados pelo Espírito Santo, já havia algum tempo, para se dedicarem à abertura de novos trabalhos no Sul e Sudeste do país.

A proposta dos missionários apresentada aos obreiros nacionais na ocasião, era de que o trabalho missionário realizado nos Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, onde já havia cerca de mil membros e cento e sessenta igrejas, deveria ser entregue inteiramente aos obreiros nacionais.

²⁵ Ao lado de Gunnar Vingren e Daniel Berg, Samuel Nyström aparece como fundador da Assembléia de Deus de Belém, no seu primeiro Estatuto, registrado em 4 de janeiro de 1918, e comprador da residência de José Batista de Carvalho, na Travessa 9 de janeiro 75, onde funcionou o primeiro templo da igreja, a partir de 8 de novembro de 1914. ARAÚJO, 2007, p. 509.

²⁶ Samuel Nyström esteve à frente da Convenção Geral das Assembléias de Deus por nove gestões (1933, 1934, 1936, 1938, 1939, 1941, 1943, 1946 e 1948) ARAÚJO, 2007. p. 510-511.

²⁷ Os relatos foram transcritos em parte dentro da obra “O Diário do Pioneiro”.

Até o dia 1 de julho de 1931 todos os templos e locais de reuniões que pertenciam à Missão deveriam ser entregues, sem nenhum custo, às respectivas igrejas locais brasileiras.

A declaração oficial da primeira Convenção Geral onde a transferência dos trabalhos do Norte e Nordeste passaram às mãos dos obreiros brasileiros é datada de 15 de setembro de 1930.²⁸

1.3 As profundas mudanças na década de 30 que marcaram o pentecostalismo

A expansão inicial das Assembléias de Deus foi moderada. Nos primeiros quinze anos limitou-se praticamente ao Norte e Nordeste, onde a oposição católica e a dependência social de boa parte da população não eram favoráveis à mudança de religião.²⁹ É imprescindível ater-se ao contexto histórico da época, em que o Brasil passava pelo período das oligarquias e consolidação do poder de Getúlio Vargas, o que vai trazer assim um forte sentido de patriarcalismo à denominação.

Em 1930, quando Getúlio Vargas iniciou seu governo, a população do país era de 37 milhões de habitantes, aproximadamente, dos quais 70% viviam na área rural. Ao longo dos quinze anos em que ele manteve o poder nas suas mãos, o Brasil teve duas constituições federais, uma promulgada em julho de 1934, com características liberais, e outra em novembro de 1937, comprometida com o pensamento autoritário.³⁰

²⁸ VINGREN, Ivar. **Gunnar Vingren: o diário do pioneiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1982. p. 169.

²⁹ ANTONIAZZI, 1994, p. 82.

³⁰ Disponível em <http://www.fernandodannemann.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=541651> Acesso em 5 de ago. 2010.

No plano econômico, a crise internacional de 1929 atingiu o país em todos os setores: a redução das exportações desorganizou as finanças públicas, diminuiu o ritmo da produção e o poder aquisitivo dos salários. A crise da economia cafeeira obrigou o novo governo a comprar e destruir estoques de café, tendo em vista a queda dos preços do produto no mercado internacional. Mudanças sociais e econômicas estavam em curso no Brasil. Iniciava-se a chamada Era Vargas.³¹

Os poderes político-econômico e religioso não eram rivais. Nesse período, uma importante base de apoio do governo foi a Igreja Católica. A colaboração entre a Igreja e o Estado se tornava mais estreita. Um marco simbólico dessa colaboração foi a inauguração da estátua do Cristo Redentor no Corcovado, a 12 de novembro de 1931, data do descobrimento da América. Getúlio Vargas e todo o ministério concentraram-se na plataforma da estátua enquanto o Cardeal Leme consagrava a nação.

O pentecostalismo se estabeleceu em uma região caracterizada pelo latifúndio com uma população campesina e pré-industrial que tinha como único meio de sobrevivência o cultivo da terra. Terra que estava na mão do fazendeiro que dispunha da mesma de forma vitalícia e absoluta. Era o fazendeiro quem construía a capela, escolhia o santo de sua devoção e mandava trazer o padre para rezar a missa.³²

Num contexto como esse, o pastor, muito além de ter e exercer o poder, ele representa o poder; ele é, em si, símbolo de poder. E na religião, especialmente no pentecostalismo, um símbolo passa à realidade. Como

³¹ A **Era Vargas** é o nome que se dá ao período em que Getúlio Vargas governou o Brasil por 15 anos ininterruptos (de 1930 a 1945). Essa época foi um divisor de águas na história brasileira por causa das inúmeras alterações que Vargas fez no país, tanto sociais quanto econômicas.

³² ALENCAR, Gedeon Freire de. **Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus**: Assembléia de Deus – origem, implantação e militância (1911-1946). São Bernardo do Campo, SP: UMESP, 2000.

“ungido do Senhor” sua resposta é definitiva, inquestionável e vitalícia. Read observa que essa mentalidade esteve presente na organização das igrejas pentecostais, uma vez que os processos democráticos não funcionam com uma população que não está pronta nem preparada para as responsabilidades democráticas.³³

Para Freston, o sistema de governo das Assembléias de Deus pode ser caracterizado como oligárquico tendo surgido para facilitar o controle pelos missionários suecos e depois foi reforçado pelo coronelismo nordestino. A sociedade e cultura nordestinas impregnaram um autoritarismo quando a liderança passou às mãos dos obreiros nacionais. Os “caciques” nordestinos deixaram o seu estilo de liderança.³⁴

É importante também compreender a postura dos missionários suecos e sua influência na liderança brasileira.

A postura política do pentecostalismo tem haver com a “subversão” da tradição sueca. Na Suécia eles não têm liberdade religiosa, já no Brasil, apesar da hegemonia católica, a Constituição do país os protege. Há inúmeras citações, tanto teóricas como práticas (no momento em que são presos e perseguidos) do preceito constitucional da liberdade religiosa no Brasil. Segundo Alencar, a motivação é de origem política, mas a prática brasileira toma uma conotação dogmática teológica: os crentes devem louvar a Deus pelo governo e apóia-lo. Isso define a postura política e o conceito teológico dos suecos que forjaram a conduta dos primeiros líderes das Assembléias de Deus no Brasil.³⁵

³³ READ, Wilian R. Fermento religioso nas massas religiosas do Brasil. São Paulo, Imprensa metodista, 1967. p. 221 Apud ALENCAR, Gedeon Freire de. **Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus**: Assembléia de Deus – origem, implantação e militância (1911-1946). São Bernardo do Campo, SP: UMESP, 2000.

³⁴ ANTONIAZZI, 1994, p. 86.

³⁵ ALENCAR, Gedeon Freire de. **Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus**: Assembléia de Deus – origem, implantação e militância (1911-1946). São Bernardo do Campo, SP: UMESP, 2000.

O ano de 1930, momento em que a expansão geográfica está basicamente completa, é importante por mais duas razões: marcou a autonomia da igreja em relação à Missão Sueca, e transferência efetiva da sede da denominação, de Belém para o Rio de Janeiro. A nacionalização da obra, portanto, é acompanhada pela mudança para a capital federal.³⁶

1.4 A concepção foucaultiana de poder e o sistema de governo das Assembléias de Deus brasileiras

Desde a década de 60, reformulações radicais das noções do social e do cultural estimularam o repensar do lugar do indivíduo ou sujeito dentro de estruturas de poder e dominação. As obras de Michel Foucault são consideradas importantíssimas para tais reformulações.³⁷ Embora importantes definições de poder sejam esboçadas por grandes nomes como, Max Weber e Marcela Lagarde, dentre outros, a forma como este se estabelece é mais bem compreendida à luz de Foucault.

Para Foucault o poder é algo que necessita permanentemente de negociação. Ninguém é, propriamente falando, seu titular, e, no entanto, o poder sempre se exerce em determinada direção, com uns de um lado e outros do outro. Não se sabe ao certo quem o detém. Cada luta se desenvolve em torno de um foco particular de poder. Ele conceitualiza poder não como posse ou atributo de uma soberania militar ou governamental, como entende o pensamento jurídico, mas como um sistema complexo relacional.³⁸

O conhecimento é o ponto essencial para se estudar o poder, pois é através de sua apropriação e manipulação que é possível o controle exercido

³⁶ ANTONIAZZI, 1994, p. 82.

³⁷ MOORE, Henrietta L. **Fantasia de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência.** Disponível em <

<http://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/Cad14/n14a02.pdf>> Acesso em 10 mar. 2010.

³⁸ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 2001. p. 180-181.

de alguns indivíduos sobre outros. Foucault se baseia na história do pensamento para demonstrar a maneira pela qual o poder se instala e se modifica com o passar do tempo.

Foucault convida a penetrar a rede constitutiva das relações sociais que individualizam em níveis e patamares a fim de detectar “[...] como funcionam as coisas no nível do processo de sujeição ou dos processos contínuos e ininterruptos que sujeitam os corpos, dirigem os gestos, regem os comportamentos, etc.”³⁹

Assim, é possível analisar como as relações de poder são estabelecidas nas Assembléias de Deus dentro de seu complexo sistema relacional.

Aos poucos, a Assembléia de Deus foi se tornando uma igreja brasileira. O crescente número de comunidades e de lideranças nacionais foi criando um quadro em que a administração desloca-se, paulatinamente, das mãos dos suecos para a dos brasileiros, concretamente, de nortistas e nordestinos, geralmente de origem rural.⁴⁰

As relações de poder existentes na Assembléia de Deus podem então ser melhores analisadas a partir do coronelismo e militarismo. Como o pentecostalismo ligado a esta igreja tenha surgido em meio ao ciclo da borracha, assimilou boa parte do coronelismo presente nas fazendas de borracha no norte e de outros cultivos no nordeste brasileiro.⁴¹

³⁹ FOUCAULT, 1979, p.182.

⁴⁰ PASSOS, 2005, p. 91.

⁴¹ Até 1918 a borracha é o segundo produto mais importante no Brasil, representando em 1910, auge da produção, 25,7% das exportações. A partir daí houve um declínio quando a Ásia entrou no mercado. A Região amazônica, que desde 1890 a 1900 teve uma migração líquida de mais 110 mil pessoas vindas principalmente do Ceará, a partir de então, tem um retraimento de extração de borracha. Os missionários suecos chegaram ao Brasil no início da queda de produção. A partir daí começa todo um processo migratório de retorno para seus Estados de origem, e a mensagem pentecostal os acompanha. ALENCAR, Gedeon Freire de. **Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus: Assembléia de Deus – origem, implantação e militância (1911-1946)**. São Bernardo do Campo, SP: UMESp, 2000.

No entanto, é preciso lembrar que no pentecostalismo, a autoridade é transferida também ao crente pela ênfase pentecostal, uma vez que todos têm “poder”. Conforme Mendonça:

É uma recuperação do poder perdido socialmente, uma vez que a sua relação com a sociedade abrangente é de subordinação e marginalização. Como essa recuperação do poder não se estende à sociedade, [...] ela se manifesta no reconhecimento da congregação através de prestígio e acesso às lideranças. Ao menos num universo restrito a recuperação do poder é real.⁴²

Mas, a tradição pentecostal de organizar-se de maneira carismática a partir dos dons que emergem na comunidade vai adaptar-se à cultura brasileira tradicional.⁴³ E, como observa Freston, “o poder tradicional, fundado na autoridade patriarcal, vai raptar o poder carismático fundado no dom pessoal que marcou as origens da AD”.⁴⁴

A inserção na sociedade e cultura nordestinas contribuiu para a consolidação de uma organização marcada por um forte autoritarismo, em que o poder legitima-se pela tradição. O fato da nacionalização das Assembléias de Deus ter ocorrido quando a igreja ainda era muito nortista/nordestina, contribuiu para sedimentar uma característica que subsiste até hoje. Por exemplo, a sala de espera do gabinete pastoral da Igreja de São Cristóvão, Rio de Janeiro, conserva o retrato de todos os pastores presidentes da igreja desde a sua fundação. Até certo momento, as fisionomias são nórdicas, depois, são típicas do Norte e Nordeste brasileiros. Uma proporção alta da cúpula nacional é de nordestinos, geralmente de origem rural.

⁴² MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990. p. 247.

⁴³ PASSOS, 2005, p. 91.

⁴⁴ ANTONIAZZI, 1994, p. 78.

A mentalidade das Assembléias de Deus carrega as marcas dessa dupla origem: da experiência sueca das primeiras décadas do século, de marginalização cultural, e da sociedade patriarcal e pré-industrial do Norte/Nordeste dos anos 30 a 60.⁴⁵

CONCLUSÃO

Todo diálogo sobre a temática das relações de poder deve levar em consideração a identidade pentecostal forjada no calor de sua história. Toda estrutura de liderança e poder seja no pentecostalismo brasileiro ou em outra esfera trará consigo ambiguidades. Sempre será alvo de questionamentos, mudanças e, até mesmo, tentativas de eliminação da estrutura. Assim, o modelo de liderança nas Assembléias de Deus com sua formação cultural do período das oligarquias é cada vez mais desafiado principalmente por pastores jovens que são produto, não da escada de aprendizado prático, mas da rota alternativa da formação teológica em seminários e faculdades teológicas.

No entanto, é preciso reconhecer que tentativas de mudança de qualquer estrutura de poder podem até mesmo ser ilusórias uma vez que tentam ser feitas através da anarquia. O caos na realidade gera

⁴⁵ O auge da presença sueca foi nos anos 30, com cerca de vinte famílias missionárias. Depois de 1950, o fluxo praticamente cessou. Segundo Freston, naquela altura o Brasil já tinha a terceira comunidade pentecostal do mundo. Suecos ocuparam a presidência da Convenção Geral até 1951. Nas últimas décadas, o maior contato internacional das Assembléias de Deus tem sido com os Estados Unidos. O auge da presença americana foi nos anos 70, com cerca de vinte famílias missionárias, que tiveram de aceitar as normas do trabalho brasileiro. A influência americana se faz sentir principalmente na área da educação teológica. ANTONIAZZI, 1994, p. 84-85.

ditadura e, como afirma Tillich, “não é possível vencer as ambiguidades da vida mediante a formação de um vácuo de poder”.⁴⁶

O líder não representa apenas o poder e a justiça do grupo, mas também a si mesmo, seu poder de ser e a justiça implícita neste. Isto se aplica não somente a ele como indivíduo, mas também ao estrato social em que se encontra e que ele, voluntariamente ou não, representa.⁴⁷ E isto sempre irá gerar ambiguidades.

É claro que nem sempre as mudanças nas hierarquias eclesiásticas resultam das reivindicações e da pressão daqueles que as integram. Antes parecem adaptações das igrejas às mudanças em curso da sociedade.

Pois, a religião, ao mesmo tempo em que ajuda a construir a sociedade como um todo, é também construída por ela. Porém, a cultura só pode ser compreendida dentro de cada época histórica. Sob essa mesma referência teórica, encontramos a noção de ideologia, quando os significados culturais ajudam a conservar ou, então a mudar determinadas situações históricas, de acordo com os interesses das classes dominantes e da capacidade de resistência e organização das classes dominadas.⁴⁸

Isso ocorre com o pentecostalismo brasileiro. Com uma incrível capacidade de selecionar, ressignificar e incorporar elementos de outras tradições confessionais e da cultura política dos movimentos sociais, o pentecostalismo adquiriu uma plasticidade e um caráter dinâmico que parecem paradoxais ao tradicionalismo que marcou a história do movimento pentecostal.⁴⁹

⁴⁶ TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 541.

⁴⁷ TILLICH, 2005, p. 541.

⁴⁸ PASSOS, 2005, p. 63.

⁴⁹ MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 2, maio/ago. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000200012http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000200012> Acesso em 10 mar. 2010.

Embora permaneça ainda o desafio de refletir sobre a estrutura e o estabelecimento do poder nas Assembléias de Deus brasileiras, toda reflexão deverá partir da construção da identidade pentecostal em seu contexto histórico. Divorciada dessa importante base de apoio, ela corre o risco de perder sua importância e eficácia.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon Freire de. **Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus**: Assembléia de Deus – origem, implantação e militância (1911-1946). São Bernardo do Campo, SP: UMESP, 2000.

ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

ARAUJO, Isael. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

CAMPOS, Bernardo. **Da reforma protestante à pentecostalidade da igreja**: debates sobre o pentecostalismo na América latina. São Leopoldo: Sinodal: Quito: CLAI, 2002.

COSTA JÚNIOR, José Wellington. A importância de se conhecer a História da CGADB DANIEL, Silas. **História da convenção geral das Assembléias de Deus no Brasil**: os principais líderes, debates e resoluções do órgão que moldou a face do movimento pentecostal brasileiro. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

DANIEL, Silas. **História da convenção geral das Assembléias de Deus no Brasil**: os principais líderes, debates e resoluções do órgão que moldou a face do movimento pentecostal brasileiro. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

Disponível em <http://www.fernandodannemann.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=541651> Acesso em 5 de ago. 2010.

- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- _____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- HURLBUT, Jesse Lyman. **História da igreja cristã**. Deerfield: Vida, 1990.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 2, maio/ago. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000200012> Acesso em 10 mar. 2010.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990.
- MOORE, Henrietta L. **Fantasia de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência**. Disponível em <<http://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/Cad14/n14a02.pdf>> Acesso em 10 mar. 2010.
- PASSOS, João Décio. **Pentecostais: origens e começo**. São Paulo: Paulinas, 2005.
- PIMENTEL, Orivaldo Jr. Quem são os “evangélicos”? In: BOMILCAR, Nelson (Org). **O melhor da espiritualidade brasileira**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- ROLIM, Francisco C. **Religião e classes populares**. Petrópolis: Vozes, 1980. p. 140.
- SÁNCHEZ, Ana Lígia; PONCE, Osmundo. A mulher na igreja pentecostal: abordagem inicial à prática religiosa. In: GUTIÉRREZ, Benjamim F., CAMPOS, Leonildo Silveira, (Ed.). **Na força do espírito: os pentecostais na América-Latina: um desafio às igrejas históricas**. São Paulo: AIPRAL, 1996.
- SIEPIERSKI, Paulo Donizéti. Mutações no protestantismo brasileiro: o surgimento do pós-pentecostalismo. In: DREHER, Martin N (Org.). **500 anos de Brasil e igreja na América Meridional**. Porto Alegre: EST, 2002.

TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

VINGREN, Ivar. **Gunnar Vingren: o diário do pioneiro**. 2. ed. Rio de Janeiro : CPAD, 1982.